

ANEXO 1 - Tema 2018:

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os Idiomas do Aprendizente*. Rio de Janeiro: Editora Artmed, 2001.

O SUJEITO AUTOR COMO AUTOBIÓGRAFO

O encontro com a obra de Piera Aulagnier significou uma alegria para mim, já que encontrei, na psicanálise, uma escritora que outorga um lugar importante aos processos de pensamento na análise do psiquismo e ainda na clínica.

A década de 70 mostrou, na Argentina e no Brasil, um apego ao estruturalismo, com uma “megalomania do significante”¹ e com um rechaço pela história.

Ao trabalhar com o sujeito aprendizente, a psicopedagogia não pode deixar de pensá-lo como devir, situando-o em tempo e história. Por história, não necessariamente precisamos entender linearidade. Piera Aulagnier outorga-nos uma luminosidade para certas questões necessárias à psicopedagogia.

Uma de suas idéias, a de *construir-se um passado* como trabalho psíquico na adolescência, é-nos muito mais próxima da psicopedagogia do que o modo habitual que tínhamos de pensá-la, como um momento de elaboração de lutos.² Digo isso porque o aprender, sem dúvida, conecta-nos com a necessidade de “perder” algo velho, mas a sua energia relaciona-se, principalmente, à possibilidade de utilizar o velho para criar o novo.

Aprender supõe um reconhecimento da passagem do tempo, do processo construtivo, o qual remete, necessariamente, à autoria. A instantaneidade, característica do mundo atual, pode colocar-nos em um mundo de produtos descartáveis e adquiríveis. O conhecimento não é nem um nem outro.

Aprender supõe, além disso, um sujeito que se historia. Historiar-se é quase sinônimo de aprender, pois, sem esse sujeito ativo e autor que significa o mundo, significando-se nele, a aprendizagem irá converter-se na memória das máquinas, ou seja, em uma tentativa de cópia.

Piera Aulagnier afirma que um dos trabalhos psíquicos importantes que o adolescente necessita fazer para transitar pela adolescência é *construir (se) um passado*, algo que parece, em princípio, paradoxal.

Estamos acostumados a escutar que os adultos digam aos adolescentes “Deve-se construir um futuro.”

Todavia, Piera Aulagnier assinala que o adolescente precisa situar-se como o biógrafo de sua história, construir(se) um passado. Reconhecer-se, contando-se ele mesmo o relato acerca de quem esteve sendo até o momento. Antes, na infância, era o “nenê da mamãe e do papai”, porque sua história e, portanto, ele mesmo era *relatado* pelos maiores. Na adolescência, está diante do desafio e a grande possibilidade humana de narrar a si mesmo, tomando também as imagens, os relatos, as recordações que os adultos lhe ofereçam e lhe ofereceram sobre sua infância, mas, nesse momento, podendo ser ele mesmo o *autor* desse relato.

Nos tempos telemáticos atuais, observamos a *pobreza narrativa* própria dos novos objetos ou brinquedos e jogos com os quais os jovens interagem.